



O OLHAR DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA FREI MENANDRO KAMPS – TRÊS BARRAS/SC SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

PERCEPTIONS OF HIGH SCHOOL STUDENTS FROM FREI MENANDRO KAMPS BASIC EDUCATION SCHOOL ABOUT VIOLENCE AGAINST WOMEN

Reginaldo Antonio Marques dos Santos¹
Carolina Fernandes da Silva²

RESUMO

O objetivo geral da pesquisa buscou compreender as representações incorporadas pelos estudantes do Ensino médio da Escola de Educação Básica Frei Menandro Kamps, no município de Três Barras/SC acerca da violência contra as mulheres, suas causas, consequências, bem como, o posicionamento dos jovens diante de tais violências. Quanto à metodologia, a pesquisa está vinculada à Sociologia da Educação, sendo desenvolvida na Escola de Educação Básica Frei Menandro Kamps, Três Barras/SC. A coleta de dados foi realizada com 3 grupos focais compostos por 18 estudantes da etapa do ensino médio. Neste sentido, emergem duas categorias principais: 1] Experiências pessoais com a violência praticada contra as mulheres; 2] Desafios e potencialidades da escola e de seus sujeitos no enfrentamento da violência praticada contra as mulheres. Os resultados apontam para representações de intolerância à violência, mesmo em contextos de reconhecimento por parte dos (as) estudantes sobre a reprodução e naturalidade, principalmente, para crianças que crescem em lares violentos. Todos (as) os participantes tiveram (tem) convívio com situações de violência, sendo 5 participantes, vítimas diretas, ainda compondo o quadro de 17 integrantes que presenciaram violência nas próprias famílias, tendo 1

¹Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialização em Educação e Diversidade pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC/2021). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Contestado. Professor de Sociologia da Rede Pública Estadual de Santa Catarina. Santa Catarina. Brasil. E-mail: professorregy@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5785-0127>

²Doutora em Ciências do Movimento Humano no PPGCMH/ESEFID/UFRGS. Professora do Departamento de Educação Física (DEF), do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Santa Catarina. Brasil. E-mail: carolina.f.s@ufsc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0026-1318>

deles, perdido duas mulheres da família por feminicídio. A principal causa da violência apontada pelos (as) participantes é a falta de educação de qualidade.

Palavras-chave: educação formal; violência contra mulheres; Três Barras.

ABSTRACT

This research general objective was to comprehend the incorporated representations made by students in the high school at the Frei Menandro Kamps Basic Education School in the city of Três Barras/SC about the violence against women, their causes, consequences, and their perceptions about it. As for the methodology, this research is associated with the Sociology of Education, developed at the Frei Menandro Kamps Basic Education School, in the city of Três Barras/SC. The collect of data was realized with 3 (three) focal groups made of 18 (eighteen) students in the high school. In this direction, two main categories emerges: 1] Personal experiences with violence against women; 2] Challenges and possibilities of the school and their individuals in the combat of violence against women. The results indicates intolerance representations about violence, even in context of knowledge by students about reproduction and commonness of violence, mainly, for childs who grow up in violent homes. All the participants had contact with violence scenes, being 5 (five) of them victims, along with other 17 (seventen) participants, they are part of a group who witness violence inside their families, with 1 (one) of them have lost two women of the family by femicide. The main causes of violence indicated by the participants are the lack of quality education.

Keywords: formal education; violence against women; Três Barras.

Resumo Expandido recebido em: 09/01/2024

Resumo Expandido aprovado em: 26/11/2024

Resumo Expandido publicado em: 19/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5148>

1 INTRODUÇÃO

Divulgada no Brasil em novembro de 2021, a Pesquisa Data Senado sobre Violência doméstica e familiar apontou que 27% das 3000 mulheres ouvidas de um público dentre 16 anos ou mais afirmam ter sofrido violências desta natureza. Quando questionadas sobre o gênero do agressor, 94% afirmam que estes são homens, “sendo as mulheres responsáveis por 6% das agressões contra mulheres no ambiente doméstico e familiar” (Brasil, 2021, p. 10). A pesquisa ainda indica que para 20% das entrevistadas, a violência ocorreu nos últimos 12 meses. Dentre os agressores citados

por estas, 57% são formados pelos maridos/companheiros, 17% por ex-maridos/ex-companheiros, 11% outro, 6% pai/padrasto, 4% namorado, 3% ex-namorado. Para 71% das entrevistadas, o Brasil é considerado um país “muito machista” (Brasil, 2021, p. 06).

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em 2022, apresentou um índice superior a 3 feminicídios por dia no país em 2021, com total de 1.341 (FBSP, 2022). O Instituto Patrícia Galvão que reúne pesquisas e dados recentes da violência contra mulheres no Brasil, apresenta números dramáticos da situação brasileira. Os dados agrupados na página inicial do Instituto, trazidos aos moldes de um cronômetro, demonstram que a cada 10 minutos uma mulher é estuprada no país, uma travesti ou mulher trans é assassinada a cada dois dias, 26 mulheres sofrem agressão por hora no Brasil (Instituto Patrícia Galvão, 2022).

Com base no trabalho do Observatório da Violência contra a Mulher em Santa Catarina (OVMSC), o estado apresentou no ano de 2021, 55 feminicídios (OVMSC, 2022), 2 destes no município de Três Barras, de forma mais específica, no Distrito de São Cristóvão, onde está localizada a EEBFMK, ainda, o número de 19.702 pedidos de medidas protetivas. Em 2022, o OVMSC apontou para um aumento de um caso de feminicídio, indo a 56 e para o acréscimo de 3.606 solicitações de medidas protetivas, indo a 23.308 requerimentos. Considerando os dados de lesão corporal dolosa, para vítimas do sexo feminino em condição de violência doméstica, o estado apresentou um número de 16.461 ocorrências em 2022, representando um aumento de 9,2% em relação a 2021 (15.063 ocorrências) e 18,2% em relação a 2020 (13.921 ocorrências). Como forma de contextualizar um breve comparativo, destaca-se um estudo realizado pela Rede de Observatórios da Segurança nos estados do Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo, que registrou no ano de 2022 o número de 2.423 casos de violências contra mulheres, tendo 495 destes terminado em feminicídio. Considerando tal estudo, constata-se, nestes estados, uma média de ao menos um caso de violência a cada quatro horas (Rede de Observatórios da Segurança, 2023).

A pesquisa revelou que o município de Três Barras/SC, apresenta o destaque negativo ao aparecer como o mais violento da microrregião. Os registros de violências praticadas contra as mulheres com base em relatório de dados do OVMSC,

divulgados em parceria com a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Santa Catarina (SSPSC), apresentam-se na Tabela 1:

Tabela 1 – Registros de ocorrências de violência contra as mulheres em Três Barras

	2020	2021	2022	Total
Ameaça	91	163	130	384
Calúnia	3	5	4	12
Difamação	2	5	7	14
Estupro	2	9	2	13
Injúria	18	40	25	83
Injúria qualificada pelo preconceito	-	2	3	5
Lesão corporal dolosa	45	76	54	175
Vias de fato	11	18	14	43
Total	172	318	239	729

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Os estudos sobre a violência contra mulheres na EEBFMK no Distrito de São Cristóvão possibilitaram aprofundar o conhecimento do pesquisador e sucessivamente qualificar as aulas e demais atividades profissionais, sociais e pessoais em que o mesmo se insere. A análise da forma de tratamento atribuído ao tema por parte da instituição escolar joga luz para aspectos fundamentais sobre o modo como é abordada a temática, as condições da escola para realização de tais tarefas e a relevância desta diante da realidade das (dos) estudantes e demais moradores do Distrito. Ao mesmo tempo, possibilitou um olhar de quem vivencia a política pública em suas condições cotidianas, no chão da escola e da comunidade.

O objetivo geral desta pesquisa se apresentou no sentido de compreender as representações incorporadas pelos (as) estudantes do ensino médio da EEBFMK no município de Três Barras/SC, acerca da Violência contra as mulheres, suas causas, consequências, bem como, o posicionamento dos jovens diante de tais violências.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Plataforma Brasil sob o Parecer nº 6.173.416 com emenda do Parecer nº 6.294.584 que alterou o cronograma da pesquisa. Para a primeira etapa, manifestaram interesse 41 estudantes (24 do período diurno e 17 do período noturno) compondo uma ficha

de pré-seleção. Todavia, retornaram assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de 9 estudantes do período diurno e 9 do período noturno. Os três grupos focais foram compostos por estudantes das 3 séries (1ª, 2ª e 3ª série) do ensino médio.

A transcrição dos dados da interação dos grupos consistiu em uma etapa de pré-análise dos mesmos. Foi realizada uma transcrição naturalista, preservando detalhamento das informações coletadas como “[...] aspectos contextuais, oscilações do tom de voz, volume, ênfase, pausas, interrupções, encorajamentos, gírias, elementos emocionais que emergem durante a entrevista, risos” (Guazi, 2021, p. 11).

A coleta dos dados pessoais possibilitou traçar um panorama da forma como os estudantes definem a autopercepção étnico-racial, a identidade de gênero, a situação conjugal, a origem da família, as condições de trabalho, de renda, de moradia e filiação religiosa. Trata-se de uma forma de contextualizar os grupos participantes sendo um contributivo com as análises que sucedem a partir das interações realizadas pelo mesmo.

A proposta de análise dos dados traz como referência Laurence Bardin (2011) com a obra *Análise de conteúdo*. Logo no prefácio, a autora contextualiza a análise de conteúdo enquanto um “[...] conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a *discursos* (conteúdos ou continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 2011, p. 15). Ou seja, sua aplicação se efetua a partir da comunicação das mensagens que, no caso da pesquisa, são sistematizadas para a análise e descrição aprofundadas, o que permite anunciar que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que possibilitam analisar aquilo que é comunicado, de forma verbal ou não.

Escolhidos os indicadores (índices), iniciou-se o trabalho de codificação e categorização, ou seja, a etapa de exploração do material. Nessa direção foram construídas as categorias iniciais, categorias intermediárias e categorias finais. Importante ter claro que se propõe uma análise dialética de tais categorias. Nesse sentido, foi preciso atentar para as contradições que se apresentaram no processo que, por sua vez, implicaram no emergir de sínteses, não esgotando as possibilidades de novos ciclos de contradições que podem ser discutidos em pesquisas futuras. A etapa final consistiu em sintetizar os resultados, inferir e interpretar os mesmos como

forma de responder ao objetivo geral e ao mesmo tempo possibilitar novas orientações para outras análises.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As reproduções da violência foram citadas de forma unânime pelos jovens. Houve concordância entre os grupos que crianças que crescem em ambientes violentos tendem a reproduzir ou aceitar com maior naturalidade a violência. Aspecto que se dá em concordância com os estudos de Vaz (2012) e Singulano (2018). Convém ressaltar, as características de contradição evidenciados nos relatos. Embora os (as) jovens tenham essa crença na reprodução e naturalização da violência para crianças que crescem em lares violentos, ao mesmo tempo, todos tiveram convívio com a violência desde criança, alguns seguem tendo. Porém, não se apresentam coniventes, muito menos naturalizam tais práticas. É nítido o posicionamento, principalmente das meninas, quanto à intolerância a qualquer forma de violência praticada contra elas. Nessa direção, apresentam-se mais próximos dos estudos de Saffioti (1987/2015) que vai apontar não necessariamente para uma reprodução ou naturalização em si, mas para os traumas deixados na vida dessas crianças que refletem em uma série de fatores enquanto adultos, muitas vezes, tendo inclusive o efeito contrário como demonstram os relatos, ou seja, de não tolerar que se repita. Convém ressaltar que muitas questões trazidas pelos (as) jovens foram amplamente discutidas nos últimos 3 anos com a realização da Campanha Agosto Lilás na escola. E por mais que pareça pouco, conforme alguns relatam, há indícios de resultados positivos apontados pelos jovens nos grupos focais.

Embora esteja presente a contradição de esperar do estado uma solução para um problema com o qual ele corrobora, os participantes chegam a um consenso acerca do debate jurídico, estabelecendo concordância que para um cenário ideal, a saída seria uma “educação de qualidade”. Nessa direção, vale o pensamento Arendtiano da capacidade de agir em concerto. Não basta somente reinventar o modo de fazer escola, de fazer educação, é preciso reinventar o modo de fazer política. Caso contrário, as pessoas seguirão “esperando” que algum iluminado, um “messias” resolva seus problemas. Recuperar o espaço público, o chamado de Butler (2021-2)

em prol da dignidade de todas as vidas, principalmente, das marginalizadas, a ação para Arendt (2022) de modo que as contradições possam ser debatidas e consensos estabelecidos de forma cooperativa, o compromisso em Saffioti (2015) com um mundo sem violência não é tarefa somente dos jovens, mas, de todo ser humano comprometido com a vida em sua totalidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo alcançou, por meio da coleta de dados em 3 grupos focais, a compreensão das representações incorporadas pelos (as) estudantes da etapa do ensino médio da EEBFMK, do município de Três Barras/SC, acerca da violência praticada contra as mulheres, suas causas, consequências, bem como, o posicionamento dos (as) jovens diante de tais violências.

A análise do conteúdo dos grupos focais emergiu para duas categorias finais: 1] Experiências pessoais com a violência praticada contra as mulheres, demonstrando que todos os integrantes conviveram/convivem com a violência praticada contra as mulheres.; e 2] Desafios e potencialidades da escola e de seus sujeitos no enfrentamento da violência praticada contra as mulheres, revelando a educação escolar como a aposta dos grupos para o enfrentamento das violências, inclusive, de forma geral.

Por fim, é preciso considerar o contraponto destacado pelos participantes dos grupos focais, no sentido de enfrentar a violência. Não se trata de jovens que esperam que algum ser de luz faça algo por eles. Mas, de uma juventude que convive com a violência, muitas vezes em condições de precariedade, marginalizada e, que ainda assim, levanta-se e procura impor sua voz contra a violência.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução de André Duarte. 15.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Senado Federal. **Pesquisa DataSenado**: violência doméstica e familiar contra a mulher. Instituto de Pesquisa DataSenado. Brasília, DF: Senado Federal, 2021.

BUTLER, Judith. **A força da não violência**: um vínculo ético-político. Boitempo Editorial, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 22.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022** FBSP, 2022.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Agência Patrícia Galvão. **Plataforma violência contra as mulheres em dados**. Dossiês 2022. Agência Patrícia Galvão. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (OVMSO). **Santa Catarina**. Sistema integrado de informações de violência contra a mulher no Estado de Santa Catarina. Disponível em: <https://ovm.alesc.sc.gov.br/>. Acesso em: 19 fev. 2022.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. **Elas vivem**: dados que não se calam. Rio de Janeiro: CESeC, março de 2023. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/textodownload/elas-vivem-dados-que-nao-se-calam/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SINGULANO, Yara Lopes. **Percepções de adolescentes sobre a violência doméstica e familiar contra as mulheres, Ervália/MG**. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

VAZ, Antonio Carlos. **Violência contra as mulheres**: estudo com adolescentes no município de Guarulhos. 2012. 262 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012.